

TEÓFILO BRAGA
UMA PERSONALIDADE EM CONFLITO

Os testemunhos de contemporâneos de Teófilo Braga e as cartas que escreveu, principalmente a familiares e amigos, apresentam traços antagónicos duma personalidade, ora a debater-se arrebatada pelo ardor do ódio mais incontrolável, ora a deixar-se abandonar na capitulação dos sentimentos mais comoventes.

Nas cartas de noivado a D. Maria do Carmo Xavier de Oliveira Barros Leite e na correspondência que, já casado, lhe endereçava, quando obrigações profissionais o afastavam da sua convivência, Teófilo oscila entre as mais elevadas especulações sobre o princípio das coisas, a imortalidade, Deus, o bem e o mal, o amor, a família, etc., e a mais fria e fulminante visão da sociedade e das pessoas. O sonhador romântico e o metafísico entusiasmado pela clarividência das suas convicções toma de súbito posição de combate, dando corpo à ideia de que «a vida é para todos nós uma luta» que só conhecerá tréguas quando a nossa superioridade for reconhecida (24.11.64, p. 43). Escrevendo à distância de mais de três anos sobre a saída sem regresso da ilha de S. Miguel, quando já assegurava os meios financeiros suficientes para se manter e colhia os louros do triunfo literário que a *Visão dos Tempos* lhe grangeou, estas

Autores:	Teófilo Braga e Maria José Braga
Título:	<i>Minha Freira</i> . Cartas familiares
Organização, introdução e notas:	José Luís Brandão da Luz
Transcrição:	Bruno Tavares Carreiro Olga Garcia
Arranjo gráfico e capa:	Artur Madeira
Tiragem:	500 exemplares
Data da edição:	1996
Editor:	Instituto Cultural de Ponta Delgada Apartado 15, 9502 Ponta Delgada Codex
Impressão:	NOVA GRÁFICA, LDA. R. Praia dos Santos, 10 - S. Roque 9500 PONTA DELGADA
Depósito Legal:	104 091 / 96

palavras traduzem a síntese dum percurso e bem poderiam ter sido tomadas como divisa de toda a sua vida.

Muito jovem ainda, Teófilo tomou consciência da sua vocação literária e vislumbrou horizontes que se não confinavam aos que da sua ilha poderia visionar. Ainda não tinha completado 15 anos de idade quando se iniciou nas letras, publicando no jornal da Ribeira Grande *Estrela Oriental* um poema dedicado a seu irmão João, que havia sido forçado pelo pai a assentar praça no Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, após regressar da viagem, sem sucesso, que o levara ao Brasil. Passado pouco mais de um ano, publica o primeiro livro de versos *Folhas Verdes*, com o patrocínio do Visconde da Praia. E foi a vontade inquebrantável de conquistar independência e de ascensão social que alimentou nele o sonho de embarcar para os Estados Unidos e posteriormente para o Continente, o que veio a concretizar-se aos 18 anos de idade.

Teófilo não se deixou hipotecar à impertinência dos incitamentos movidos por estranhos. As pressões da madrastra para que se empregasse como caixeiro, a fim de não tomar o rumo imprestável que os irmãos mais velhos seguiam, não fizeram dissipar a avidez de glória de que se confessava possuído, como confidenciava na carta que escreveu a Inocêncio Francisco da Silva, historiador e bibliógrafo da literatura portuguesa, a quem se dirigiu na procura duma orientação crítica para a sua produção literária. A Universidade de Coimbra constituía a etapa nuclear de um projecto tenazmente perseguido, como parece ser bem explícito numa carta de 28 de Dezembro de 1862 a Francisco Maria Supico, incluída no livro *Mocidade de Teófilo*, que ele próprio atribuiu

postumamente a esse seu protector e confidente que deixou na ilha de S. Miguel. O começo da carta, que a seguir transcrevemos, parece suficiente para dar a perceber o carácter vital que o ingresso na universidade revestia, no conspecto do seu projecto: «Desde que me achei matriculado no 1º. ano da Faculdade de Direito, deu-se uma grande pacificação no meu espírito (...). Confesso-lhe que pela primeira vez senti na vida o que é a *alegria moral*. Este estado psíquico deu-me o equilíbrio entre as minhas aspirações mentais e o meio em que luto. Senti o gosto de viver, não para gozar sensações, mas para efectuar o desdobramento das minhas faculdades. Sei agora, como diz Kant, o que posso desejar e o que posso realizar» (p. 183).

A 18 de Abril de 1861, no que teria sido o primeiro dia da sua estadia em Coimbra, após algum tempo passado em Lisboa e cerca de 15 dias no Porto, transmite as primeiras impressões aos dois confidentes que deixou em S. Miguel e a quem irá sempre manter-se fiel: Francisco Maria Supico e sua irmã mais velha, D. Maria José da Câmara Braga.

Supico era natural da Lousã, vila próxima de Coimbra, e fixou-se em S. Miguel em 1852 para exercer as funções de farmacêutico da Misericórdia de Ponta Delgada. Respirava-se então na cidade uma atmosfera cultural, que a estadia de Castilho na ilha teria irradiado, ao despertar nos jovens o gosto pela poesia e a vontade de se educarem. As associações culturais aproximavam as pessoas e incentivavam-nas a exprimirem o seu talento. Ao chegar a S. Miguel, com 22 anos de idade, Supico logo foi integrado numa dessas associações, o Grémio Poético Micaelense, que se manteve activo entre 1851 e 1854.

Também ele, anos depois, reuniu à sua volta um «pequeno grupo

de estudiosos cujo centro era em nossa residência», conforme evocou anos depois, na secção «Escavações» do seu jornal *A Persuasão*, agora editadas em três volumes pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada (vol. II, p. 896). O grupo era formado por estudantes do Liceu e esteve ligado a várias iniciativas, entre as quais a publicação, durante cerca de 2 anos, do jornal bimensal de cultura e notícias *O Santelmo* e a associação «Centro Civilizador e Protector das Classes Laboriosas». Na sede da associação, na rua da Louça, desenvolveu-se intensa actividade em prol do operariado, não só no campo da instrução primária, do ensino das línguas e da música, mas também, como refere o Dr. Francisco Machado Faria e Maia, ao nível do «recreio e auxílios pecuniários» (*Novas Páginas da História Micaelense*, p. 317).

Deste grupo fizeram parte, entre outros, Teófilo Braga e Teófilo Ferreira. Este último, natural das Flores, veio também a alcançar posição de relevo com dimensão nacional: foi professor primário e médico, tendo também sido director da Escola Normal de Lisboa, vice-presidente da Câmara da capital e deputado. Uma tal circunstância levou Supico, com a vaidade que a forma majestática não dissimulava, a fazer o seguinte comentário: «Estamos convencidos de que não há memória de terem saído dois homens tão notáveis dum grupo de apenas cinco rapazes aplicados» (*As «Escavações»*, vol. II, p. 640). Supico amparou as primeiras produções poéticas de Teófilo, apadrinhou a publicação do seu livro de poemas *Folhas Verdes* e intercedeu junto do professor Braga para que o filho não fizesse a viagem para Lisboa como «passageiro de proa», manifestando assim um «cuidado paternal» que jamais se desvaneceu da sua lembrança.

As impressões da viagem, os receios e descrenças no êxito dos seus projectos encontravam em Supico audiência interessada e de confiança. Assim, na carta que lhe endereçou ao chegar a Coimbra, a cidade aparecia-lhe sem os artifícios que a vida universitária lhe imprimia, mas como o «campo da grande contenda» que iria travar. Ao mesmo tempo, identificava, de imediato e da seguinte forma, os primeiros adversários que teria de vencer: «tenho por únicos inimigos os parcos meios de que disponho e a série de exames a que me vou expor». Apesar de, na *Mocidade de Teófilo*, as referências a Coimbra terem sido escritas quando se encontrava em avançada idade e reflectirem por isso os ressentimentos que os concursos académicos lhe provocaram, as cartas da época não dão do ambiente que se vive na cidade uma visão atraente, que nem tão pouco aparece colorida com o pitoresco que a vida estudantil lhe emprestava. À irmã fala dos ares «pestilentes» da cidade (7.9.62) e a D. Maria do Carmo, das ruas estreitas e infectas (6.10.65, p. 27). Para o recém-licenciado em Direito, a pequenez e o isolamento da cidade dão de si a dimensão dos que nela vivem. Todos se têm em alta conta e só à mediocridade se reconhece talento, já que «é preciso não ser muito esperto nem muito estúpido para ser laureado e admirado» (20.10.67, p. 125).

A integração neste novo meio foi dificultada pelo desaire na admissão à Faculdade de Direito e é com a irmã Maria José que desabafa os grandes sofrimentos que o martirizam e lhe transformam a vida num «horto de agonias». O desejo de morrer apresenta-se como forma de evasão do pesado fardo que cada dia carrega sobre os ombros. E, mesmo passado mais de um ano de estadia em Coimbra, vive com ansiedade a dependência dos apoios que o pai lhe enviava mensalmente. A consciência

do dever de corresponder a tão grande sacrifício que o pai fazia por ele, mesmo durante o ano em que não teve acesso à universidade, fê-lo mergulhar em profundo tédio, chegando a criar nele «ideias tenebrosas» de deserção. Só a lembrança da irmã, a «dolorosa simpatia» desta sua alma gémea no sofrimento, que deixava «consumir a flor da mocidade, encerrada no âmbito estreito de uma cela», lhe dará força para vencer as provações da vida e «coragem para conquistar a todos os esforços uma posição social».

*

* *

As adversidades da infância e da juventude, motivadas por uma insolvência afectiva e uma gestão doméstica de penúria financeira, modelaram uma personalidade austera e uma vontade indomável de ascensão social e de independência material. Assegurar os meios de auto-subsistência constituía para ele uma prioridade, chegando mesmo a considerar, em carta a D. Maria do Carmo, que aí residia «o primeiro bem estar» (6.10.65, p. 28). A obsessão por estes propósitos fechou-o cada vez mais ao convívio social: «só pretendo formar em volta de mim uma fortaleza, de modo que me não invadam», afirmava em outra carta do mesmo ano (1.12.65, p. 46). A crueldade social, de que se procura proteger, é a fonte de todos os males que nos podem afligir: «as nossas alegrias andam connosco e vêm de nós. Os desgostos vêm-nos de fora, causados pelos outros», acrescenta um pouco mais abaixo, na mesma carta.

Teófilo procurou sempre tomar a vida em suas próprias mãos, recusando deixar-se levar por itinerários alheios que o desviassem do rumo que preconizava seguir. Por isso, nesta carta a que acabámos de aludir, dá conta do renascimento interior que operou para criar em novas bases uma concepção da vida em consonância com as virtualidades da natureza e duma moral que torne o homem perfeito e feliz. Esta renovação interior é vivida como uma verdadeira purificação que, libertando-o de «todos os prejuízos do berço, de todas as ilusões da educação, de todas as influências da sociedade», lhe irão permitir dotar-se das munições com que irá dominar a mesquinhez e maldade alheias.

A superioridade dos seus princípios preside às relações que mantém com os outros, de acordo com os critérios de uma «justiça fria, consciente, implacável», conforme programa em carta a D. Maria do Carmo (8.10.65, p. 29). Assim, por um lado (confessa-lhe numa outra carta escrita dois dias antes), mantém os seus companheiros a uma «distancia conveniente a que a boa sociedade chama delicadeza, que a ninguém ofende, e com que me dou perfeitamente, porque me não embaraçam», e ri-se interiormente dos que, subitamente, após o êxito literário que a *Visão dos Tempos* alcançou, passaram a dispensar-lhe um tratamento lisonjeiro, cheios de deferências; enquanto, por outro lado, delira cheio de orgulho pelo acolhimento que o Brasil concedeu a esta obra, rejubila com a amizade de Camilo, com quem conviveu diariamente na Casa Moré, a editora de ambos, durante a estadia no Porto, em Setembro de 63, e se mostra completamente fascinado pelos quinze dias de férias do Natal que passou em Lisboa, numa «ovação contínua», a convite de um grupo de escritores. Conheceu Herculano, Castilho e outros, e foi obsequiado

com uma ceia por um ex-ministro do Papa Pio IX. Ao mesmo tempo diz ter recusado «gente de importância» que o queria conhecer e afirma que o trabalho é a sua preocupação porque, escreve ao seu confidente dos Açores em Junho de 64, «quero ver se me elevo, quero dinheiro para saber apresentar-me» (Cf. José Bruno Carreiro, *Vida de Teófilo Braga*, pp. 45-51).

A sua vida é uma escalada íngreme feita a pulso, sob a pressão dum trabalho intenso e numa mistura de vaidade, orgulho e despeito. A animosidade que o possui transborba em jorros de surda impetuosidade dum personalidade que se sente fisicamente fragilizada e socialmente desamparada: «não tenho figura, nem voz, nem força muscular, nem dinheiro, nem protecções, nem pergaminhos, falta-me tudo e eu quero esmagar, confundir os que me cercam. Não sei se o vou conseguindo». Esta confissão, feita em 64, numa carta a Supico que o Dr. José Bruno transcreveu, revela a irascibilidade dum temperamento permanentemente inconformado. Em carta a D. Maria do Carmo, de 7 de Outubro de 1867, já licenciado em Direito, reagia de forma violenta a um comentário menos lisonjeiro que um condiscípulo de Coimbra fizera publicar num jornal do Porto, a propósito do convite que Teófilo recebera para se inscrever em doutoramento, matriculando-se assim no 6.º ano da Faculdade de Direito. A veemência do protesto poderá ser depreendida da profunda perturbação que disse ter sentido e que, conforme descreve de forma tão realista, o fez «lançar o jantar e a passar as noites em contorsões de envenenado». O seu propósito era o mais agressivo que se poderia supor: nada mais do que «dar facadas em quem me anda dificultando os passos por qualquer maneira, seja ela uma simples palavra, que me doi mais do que uma pancada em qualquer (*sic*). Há-de-

-me chegar a minha hora de represália; então hei-de sacudir a canalha».

Nestes arrebatamentos dum agressividade incontida, sente-se afundar na mais vil perversidade, que o torna «incapaz de fazer o bem» e o impele a exercer sem contemplações uma «justiça atroz». Teófilo mostra-se de imediato desoladamente carecido da presença da sua «santa mulher» e lastima-se por não ter ao pé de si a sua «grande mansidão». Um profundo pessimismo de descrença nos homens fá-lo confessar, noutra carta que nesse mesmo mês escreveu a D. Maria do Carmo, que «todos são infames». Na barbárie social que o rodeia «o estado normal é de ódio uns contra os outros; que os mais sensatos são os que sabem melhor mascarar-se com risos e frases amáveis». Por isso lastima de imediato a situação deplorável que o constrange a viver em desacordo com as suas mais íntimas convicções e, tomando como sua a declaração que Cristo proferiu perante Pilatos, não se reconhece cidadão deste reino bárbaro de ódios e perversões. A sua grande aspiração é unir-se à sua alma gémea, D. Maria do Carmo, com quem irá casar seis meses depois, conforme expressa de forma programática nesta mesma carta: «Anseio a hora em que façamos uma liga para sempre, liga contra todos e contra tudo».

Desde as primeiras cartas a sua futura mulher que Teófilo apresenta uma concepção de vida familiar como o reduto inviolável que anseia por constituir contra as constantes agressões que a sociedade implacavelmente lhe inflige: «hei-de fugir de tudo isto e refugiar-me na santidade do lar, viver num mundo interior» (22.1.66, p.62), escrevia cerca de dois anos antes do seu casamento. Mas já em cartas anteriores afirmava de forma lapidar: «sem família não se tem alma», pois nela o homem colhe o que

a vida social lhe rouba. A família é o complemento natural e indispensável para que o homem consiga escapar às agruras do mundo e alcance a sua realização pessoal: «nunca posso chegar à perfeição isoladamente; é uma asa só, que não alevanta», escreve noutra carta do mesmo período.

A formosura e a mansidão da mulher amada são dois atributos que aparecem com frequência nas cartas amorosas. Mas a comunhão de ideias e sentimentos exprimem também o verdadeiro estado interior da sua alma sofrida. Teófilo vê nesta sintonia a promessa duma felicidade indestrutível, que sobreviveu até à morte, apesar dos sucessivos desgostos provocados pela morte dos filhos. A vida familiar é o oposto da vida social, por isso a idealiza como fortaleza inexpugnável. Ao contrário do comum das pessoas, que fazem da família um meio para entrar na roda dos convívios sociais, Teófilo toma ostensivamente uma orientação oposta: «eu saio da sociedade como de um grande naufrágio, e de todas as vezes que lanço os olhos para trás enche-me de terror a lembrança da voragem; assim a minha casa vem a ser aquele sítio de que fala o senso admirável de Montaigne, um retiro aonde espero esconder-me da má fé e das infâmias da outra gente» (13.10.67, p. 119).

A sua casa na travessa de Santa Gertrudes constituiu o último eremitério, que após a morte de sua mulher, em 14 de Setembro de 1911, o encerrou na mais completa solidão, perturbada apenas por alguns raros amigos. No final da vida, como mencionou em carta que escreveu aos seus editores, que o Dr. José Bruno incluiu no final do estudo biográfico que lhe dedicou, quando já não podia nem ler nem escrever, Teófilo era um homem só. Apenas esperava por dois antigos alunos, que dispunham graciosamente duas horas por semana cada um para minorar

as suas limitações. Para além deles, contava com a assistência doméstica de uma serviçal que foi quem o encontrou morto, caído de bruços sobre a cama, pelas 11.30 horas da manhã do dia 28 de Janeiro de 1924.

*

* *

Nas atribulações e alegrias da vida familiar, assim como nas vicissitudes e sucessos da actividade profissional e política, a trajectória de Teófilo reflecte a conflitualidade permanente entre a face oculta e a face visível da sua personalidade. Uma profunda dissonância ressalta entre a intimidade de um mundo interior, virulento e explosivo, e o trato pessoal que mantém com quem convive, ao mesmo tempo distante e complacente. A animosidade anti-social parece desvanecer-se nas relações do dia a dia com os alunos e no clima que se respirava nas suas aulas. Silva Bastos, no volume comemorativo dos cinquenta anos de magistério de Teófilo Braga, recordava-o, não apenas pela sua «palavra substanciosa», mas também «pela afabilidade e pelo espírito de uma quase igualdade de tratamento»: o relacionamento com os alunos constituía um «convívio franco, cheio de ar e de liberdade, contrário a todo o propósito de pedantismo académico». Da mesma forma, a evocação que Severo Portela deixou no *In Memoriam* sublinha o mesmo ambiente de elevação e de cordialidade que se respirava nas lições de História da Literatura, no Curso Superior de Letras, «ditas numa voz de quem conversa com pessoas amigas».

Ciente de que as ideias se impõem pelo que valem, Ramalho Ortigão observou o completo desprezo que Teófilo manifestava por

todos os artifícios de uma oratória empolgante ou de uma teatralização do discurso. Dirigia-se ao seu auditório «com uma fluência monótona mas inexaurível, dominando, vergando, batendo o assunto, como bate um malho sobre uma verga de ferro em brasa». Apesar da imperturbável frieza com que nas aulas «fulminava as instituições do velho mundo», do desartifício do discurso, da voz monótona, Ramalho não deixou porém de salientar as fortes correntes de empatia que o seu magistério transmitia ao auditório, que se rendia convertido aos seus argumentos. Da relação que mantinha com os estudantes colhemos testemunhos de uma extrema disponibilidade e condescendência. Mateus Moreno, seu antigo aluno, citado pelo Prof. Carvalho Homem na sua obra sobre Teófilo, atribui-lhe apenas uma única reprovação. E Galiano Tavares, também referido conjuntamente, apresenta um depoimento no mesmo sentido. O próprio Teófilo deixa transparecer esta atitude a propósito de uma recomendação que, por intermédio de sua mulher, havia recebido a favor de um aluno que deveria submeter-se a exame do seu curso. Teófilo, que entretanto o já tinha entrevistado e formado bom juízo a seu respeito, tranquilizava-a, uma vez que, assegurava ele, na «minha mesa só saem reprovados os que nada dizem» (1.8.75, p. 407).

Em discurso que proferiu na celebração do centenário do nascimento de Teófilo, na Academia das Ciências de Lisboa, Júlio Dantas, que chegou a ouvi-lo no Curso Superior de Letras, quando ainda era estudante de medicina, guardava dele a imagem de «um bom velho, simples, acolhedor, benigno, paternal, que parecia pensar a cada momento da sua prelecção, na possibilidade de encontrar-se, entre os seus discípulos, algum tão infeliz e tão pobre como ele fora». Apesar da impressionante

erudição o não distanciar na solenidade austera da cátedra, Dantas não deixou de descobrir nele o exemplar tipo do «homem do ressentimento» de Max Scheler, propenso a súbitas «violências de gabinete». O seu trato cordial e benevolente não deixava de espelhar o vigor das suas mais íntimas convicções e uma «ironia amarga dissimulada num sorriso benévolo, de rancor vago, impessoal e surdo contra o meio social». A figura débil, tristonha e modesta, ocultava uma tenacidade interior e um temperamento indomável que, no dizer de Carvalho Homem, se foi «ourixando» com a idade. Ele era no íntimo o contrário do que aparentava ser.

*
* * *

As cartas reflectem de forma espontânea e geralmente breve a ressonância dos acontecimentos do quotidiano no foro íntimo de quem os vive. Mas, por outro lado, porque têm um destinatário preciso, elas criam uma atmosfera de confiança que a afinidade de sentimentos naturalmente inspira. Porém, esta comunicação íntima inscreve-se num fluxo de reciprocidade em que o destinatário dita de algum modo as condições em que a abertura interior ganha expressão. A carta comunica as vivências individuais, tendo em conta as particularidades da personalidade do destinatário. Uma carta não se dirige a uma entidade anónima, fictícia ou simplesmente virtual, mas pressupõe o diálogo real de um face a face, apesar de diferido pela distensão temporal em que se processa. Por isso, a atitude íntima e o estilo de cada carta mudam consoante a relação particular que o autor mantém com o seu

correspondente. O outro é simultaneamente ocasião para despertar a tomada de consciência da própria interioridade, que doutra forma tenderia a permanecer adormecida, e fonte de constrangimentos que acabam sempre por tornar inacessível a intimidade mais íntima de quem escreve.

Apesar destas limitações, a divulgação das cartas torna mais aberto o espaço interior dos seus autores, incapazes muitas vezes de traduzirem satisfatoriamente nelas os seus próprios sentimentos. Nas cartas familiares, as pessoas mostram-se de forma mais directa e espontânea, sem os entraves moderadores que a censura das conveniências sociais exerce, nem as preocupações de coerência que as exigências de fidelidade a uma ordem de valores ou a um projecto de vida impõem. Daí a importância que a presente publicação reveste, que neste caso particular parece reforçada pela inclusão dos dois pólos basilares deste diálogo epistolar.

As cartas à irmã, D. Maria José, fazem parte do circuito de intimidade que Teófilo manteve regularmente ao longo da vida com Supico e D. Maria do Carmo, já que não conhecemos as cartas que endereçou ao pai. Através delas colhemos uma visão mais aproximada duma personalidade em permanente debate com os seus compromissos, os seus projectos e as muitas hostilidades que o cercavam, mas que encontrava no círculo restrito da família o estímulo para ir retemperando as forças para o combate que permanentemente travava. Nelas se revela com os sentimentos mais profundos de humor variável, ora possuído do mais elevado lirismo, envolvido na angústia de especulações sobre questões metafísicas e existenciais, cheio de entusiasmo pelo êxito que o

reconhecimento nacional da sua obra lhe trouxera, ora transbordante de rancor, a delinear investidas fulminantes contra quem o maltratava ou simplesmente beliscava.

A luta que travou para lograr na vida um lugar ao sol, conquistado palmo a palmo, poderá fazer compreender a relevância da gestão financeira da vida doméstica, tratada com algum pormenor nas cartas que escrevia à esposa. No entanto, no meio da austeridade de vida que o temperamento lhe impunha, não deixa de ser transparente que Teófilo se preocupou em proporcionar à família uma crescente qualidade de vida, compatível com os proventos que ia auferindo. Ao contrário do que muitas vezes se crê, as cartas familiares revelam uma visão clara da função social do dinheiro, nas compras que ia fazendo em livros, discos, mobiliário, aluguer de residências com melhores condições, programação de férias, opção por transportes com a comodidade de 1ª. classe, etc.

A sua preocupação dominante foi desde sempre assegurar independência económica e conquistar posição social. Por isso, logo que a colaboração periódica no *Jornal do Comércio* e na *Revista Contemporânea de Portugal e do Brasil* lhe assegurou um rendimento suficiente, dispensou a mesada paterna e, mesmo antes de dispor de «um recurso certo» que o lugar do Curso Superior de Letras definitivamente lhe assegurou, manifestou um total desprendimento pelo seu quinhão na herança a que por morte do pai tinha direito. Nada quis da sua biblioteca, declara à irmã em carta de 13 de Junho de 70, e fez-lhe doação da parte que lhe caberia na pequena herança que sua mãe deixara na ilha de Santa Maria, de onde era natural (13.5.71).

Na correspondência para a irmã, Teófilo revela uma ligação

familiar muito forte, que o abandono da ilha, sem intenção de regresso, não desvaneceu. As preocupações com o irmão Luís, para trazê-lo do Porto a fim de cursar engenharia em Coimbra, foram assunto de várias cartas para a irmã. Nelas sobressai o empenho fraterno em querer «fazer dele um homem» e também a desilusão do desfazer de um sonho, ao fim de um ano de gastos e de diligências infrutíferas. Os êxitos profissionais que esforçadamente procura estão associados à esperança de felicidade que a irmã Maria José poderá ter no futuro. A ideia de tirá-la do convento encoraja-o a suportar todos os sacrifícios e provações para alcançar uma «posição social» e meios que lhe permitam recebê-la em sua casa. Aliás, Teófilo, que parece nunca ter alimentado a ideia de regressar a S. Miguel, admite apenas uma excepção, ir para tirá-la da ilha para sempre.

Esta libertação estaria dependente da conclusão da sua formatura em Direito. O estágio em Lisboa permitiria trazê-la para sua companhia. A data foi transferida pela alteração dos planos de estudo, ficando a aguardar uma estabilidade profissional que a docência universitária só em 1872 viria assegurar. Razões de vária ordem foram protelando a concretização desta promessa, apesar de Teófilo nunca a ter esquecido. Não obstante o constrangimento que sentia pela falta de «tranquilidade e segurança da minha casa» (14.3.75), acabou por estabelecer as condições em que a receberia e, por duas vezes, chegou a propor datas para a sua viagem.

Mas as cartas revelam também os projectos de Teófilo de formar-se em Teologia, bem como a sua nostalgia de ilhéu por não ver o mar e a evocação de vivências passadas em Ponta Delgada, como a missa da noite de Natal no Convento da Esperança, a novena dos Espinhos e

outras cerimónias da Semana Santa, que em Coimbra não revestiam o mesmo brilho e esplendor daquelas a que em tempos assistira, na igreja do convento de sua irmã. Apesar de se lastimar numa das cartas de nunca ter havido entre ambos «a ligação íntima de irmãos, porque sempre vivemos arredados», Teófilo dedica-lhe grande afeição, aprecia as suas cartas e pede que o aconselhe sempre, envia-lhe os primeiros livros de poesia que publicou no Porto, estimula-a a cultivar o gosto pela pintura, lembrando ser um arte muito difundida antigamente entre os monges, e assume-se seu protector, esperança de libertação dos ferros da «cela estreita», onde ela, «vítima inerme do beatério», vai lentamente sucumbindo, deixando «consumir a flor da mocidade».

Apesar da dispersão dos irmãos, Teófilo intervém para mantê-los de alguma forma unidos, quer remetendo para Luís, que vive no Porto, as notícias que recebe da irmã, quer moderando desavenças e mal-entendidos nas relações entre os irmãos e, até mesmo, destes com o pai. Recebe apelos de seu irmão João, à memória de quem dedicou de forma comovente a dissertação de doutoramento, e fala a D. Maria José dos seus propósitos de obter para a cunhada «uma pensão como viúva de militar morto na guerra de África» (12.8.70).

Conta com pormenores as suas doenças, as perseguições de que é vítima, o adiamento dos concursos que protelavam o seu triunfo, os passeios a Braga, as idas ao Porto e a Lisboa, e chega mesmo a lastimar-se porque numa carta ao Pai e à Madrasta, D. Ricarda, se esqueceu de «dizer-lhes que fui à serra do Bussaco a pé e que fui também a pé até à Figueira» (7.9.62) — o que evidencia um certo grau de intimidade das relações familiares e mostra um tanto atenuadas as tensões que envolviam

as relações com a madrasta. Teófilo dá ainda notícia do nascimento dos filhos, da sua criação e do duro golpe da morte deles, que não «me podia ferir mais fundo e deixar-me vivo para sofrer mais esta angústia que cresce com o tempo» (4.4.87).

Quando Teófilo sente ter reunido condições para oferecer à irmã a sua casa em Lisboa, conforme consta da carta que lhe escreveu a 13 de Junho de 75 e de uma outra que voltou a enviar um ano depois, dispõe duma posição social relevante e duma estabilidade profissional consolidada. Era-lhe possível manter a família com um bom padrão de vida, fazer projectos de compra duma quinta nos arrabaldes da capital para gozar de melhores ares do que os de «uma terra grande e doentia como Lisboa!» (15.7.78). Quando reunia condições para assumir para com a irmã o seu velho compromisso, que D. Maria José chegou a pensar ter sido esquecido pelo irmão, é ela própria que alegava motivos vários para ir adiando a aceitação do seu convite, até que o assunto saiu do horizonte da correspondência que, segundo parece, foi progressivamente rareando.

*
* *

D. Maria José, irmã mais velha de Teófilo, nasceu em Vila do Porto, na ilha de Santa Maria, a 14 de Setembro de 1834, para onde seu pai, Joaquim Manuel Fernandes Braga, oficial dos exércitos miguelistas, em S. Miguel, havia sido deportado pelos constitucionalistas vitoriosos. Aí ele casou com D. Maria José da Câmara Albuquerque em 1833, de quem teve 7 filhos, dos quais apenas quatro sobreviveram. Permaneceu sete

anos naquela ilha, onde também nasceu João, em 1836. Luís nasceu em 1839, quando a família Braga vivia já em S. Miguel, e Joaquim Teófilo Fernandes Braga, em 24 de Fevereiro de 1843, na freguesia de S. José de Ponta Delgada.

O regresso a S. Miguel de Joaquim Manuel Fernandes Braga marcou o início de uma nova etapa da sua vida. Abriu uma escola primária e foi professor particular dos filhos de várias famílias abastadas de Ponta Delgada. A morte de sua mulher, com apenas 31 anos de idade, debilitada pelo nascimento e pelos cuidados da criação dos filhos, sobreveio a 17 de Novembro de 1846, ainda o pequeno Joaquim, nome por que Teófilo era tratado em família, não tinha atingido os 4 anos de idade. A vida familiar alterou-se então profundamente. Maria José, a filha mais velha, foi internada num colégio inglês, em Ponta Delgada, com o apoio financeiro da Viscondessa da Praia, D. Ana Emília do Canto e Medeiros, e os três rapazes ficaram mais ou menos entregues a si mesmos. A situação agravou-se com o segundo casamento do professor Braga, em 1848, com D. Ricarda Joaquina Marfim Pereira, de quem teve duas filhas: Maria da Glória e Maria do Espírito Santo. A família desagregou-se de forma irreparável. O professor Braga, obrigado por razões profissionais a passar algum tempo em Angra do Heroísmo, levou consigo o Luís. Entretanto, o filho mais velho, João, com 14 anos, tinha embarcado para o Brasil para tentar a sorte, ficando o pequeno Joaquim sozinho com a madrasta, entregue ao mais completo abandono.

Quando regressou a Ponta Delgada, para ingressar como professor no recém-criado liceu da cidade, o antigo oficial da causa miguelista não conseguiu reunir em sua casa os filhos do primeiro casamento. Só

Teófilo, de tenra idade, permaneceu em casa. João continuou por mais algum tempo no Brasil e ao regressar sem fortuna seguiu, por imposição paterna, a carreira militar. Luís arranhou emprego de caixeiro no comércio que um irmão de D. Ricarda possuía em Santa Maria. Maria José, que aos 18 anos foi obrigada a abandonar o internato do colégio, não tendo sido bem acolhida no novo lar que seu pai constituía, acabou aceitando a sugestão que este lhe fizera e recolheu-se na clausura de um convento de Ponta Delgada. Do livro *Mocidade de Teófilo*, atribuído a Supico, transcrevemos a evocação do cerimonial que assinalou o desfecho de tão dramática resolução, pela forma comovente como Teófilo a recordou, mais de sessenta anos depois: «Pelo regresso de Braga da ilha Terceira a atmosfera de ódio contra Joaquim não se adoçou; sua irmã D. Maria José, que estava com 18 anos, teve de largar o colégio inglês. Estava com uma formosura deslumbrante. D. Ricarda fez-lhe sentir a sua autoridade. A pobre menina foi suportando, até que o pai lhe propôs o entrar para o Convento da Esperança, onde estavam recolhidas várias freiras egressas dos conventos extintos. Ela aceitou esse alvitre como refúgio. Foram feitos os preparativos para a entrada na clausura do mosteiro da Esperança e, no dia destinado para esse acto, D. Ricarda deu um jantar de despedida à sua família; no fim veio o barbeiro, para lhe cortar o cabelo rente pelo pescoço. D. Maria José ergueu-se, desatou o cabelo que lhe chegava quase ao chão. O barbeiro cortou-o em dois feixes e entregou-os a quem estava mais perto; dos olhos daquela menina de 18 anos caíram lágrimas sentidas, que ela represou com força moral. Depois disto, partiram as carruagens para o Convento da Esperança, pardieiro velho e húmido, casarão à beira-mar, onde D. Maria José viu começar a definir a sua

mocidade e beleza em mais de dezoito anos de desgosto e de depressão mental» (pp. 46-47).

A descrição está em consonância com os sentimentos que sempre deixou transparecer nas cartas que dirigia à irmã, em que caracterizava a sua situação como um degredo forçado de que um dia a queria libertar. No entanto, na correspondência que conhecemos de D. Maria José não encontramos ressentimentos da vida conventual, mas antes referências a laços de amizade com algumas recolhidas e suas famílias, que se mantiveram pela vida fora, o que parece pouco condizente com um estilo de vida desintegrado. É certo que D. Maria José, que nunca teria chegado a professar, acabou por abandonar o convento a fim de se tratar da «grande doença» de que foi acometida, conforme explica em uma de suas cartas. Sabemos por isso que não careceu do apoio que o irmão sempre lhe prometera. Aliás, no final da carta de 10 de Maio de 1870, Teófilo afirmava, de passagem e de forma um tanto indiferente, desconhecer que a irmã se encontrava «fora do convento».

Supomos que, após a morte do pai, D. Maria José não ficou a viver com D. Ricarda, e sabemos por uma carta de Teófilo que recusou convite do irmão Luís para ir morar em casa dele. Pela correspondência, temos conhecimento de dois endereços seus: um bilhete postal, não datado, dava-a como residente na antiga rua do Frade e em algumas cartas é mencionado o endereço da 2ª. rua do Conde. Pelo registo do óbito, ficamos a saber que faleceu, solteira e sem deixar testamento, a 20 de Junho de 1922, numa casa da antiga rua do Botelho, provavelmente no actual n.º 23 da rua Coronel Chaves, que pertenceu a sua irmã D. Maria do Espírito Santo Braga George, que pela informação de Fran Paxêco, no

texto introdutório às *Cartas de Teófilo*, depois de enviuar, foi residir para o Funchal, por volta de 1924.

*
* *

A colectânea que o Instituto Cultural de Ponta Delgada agora publica integra cartas que Teófilo Braga escreveu a sua irmã, D. Maria José da Câmara Braga, e que esta também lhe endereçou. A autoria e o estilo dos respectivos autores permitem distingui-las facilmente em dois conjuntos bem diferenciados, mas que se correspondem, não só pela afinidade de interesses nos assuntos que abordam, mas ainda por possibilitarem, embora parcialmente, um face a face entre os dois interlocutores epistolares. As que constituem o primeiro grupo pertenceram ao Dr. José Bruno Carreiro, à excepção de uma, com data de 19 de Janeiro de 1884, que faz parte do espólio teofiliano da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada. Em *Vida de Teófilo Braga. Resumo Cronológico*, publicado inicialmente na obra colectiva com que a Câmara Municipal de Ponta Delgada comemorou o centenário do nascimento de Teófilo, este notável investigador dos dois maiores vultos da cultura açoriana do século XIX incluiu trechos dessas cartas e transcreveu aquela em que Teófilo participava à irmã o falecimento da filha, Maria da Graça. Também o Dr. Jacinto Soares de Albergaria, em anexo ao seu trabalho *Teófilo Braga e o positivismo*, trouxe a público duas destas cartas, uma não datada, escrita em Ponta Delgada, e outra de Dezembro de 1864, enviada de Coimbra, fazendo ainda reproduzir fotocópia da carta em que Teófilo exprime de forma sentida e eloquente a sua desolação pela morte da filha.

Pela presente edição serão publicadas integralmente, pela ordem cronológica com que foram redigidas, tanto quanto esta nos foi possível estabelecer, relativamente às que se não encontram datadas. Assim, surge em primeiro lugar uma série de 16 bilhetes e cartas, em que apenas uma está datada, enviadas à irmã, para o convento, quando Teófilo ainda residia em Ponta Delgada e, em seguida, 45 cartas que lhe endereçou do Continente, depois de ter saído de S. Miguel. Todas elas, à excepção da que referimos acima, pertencem actualmente ao sócio e colaborador deste Instituto, Senhor Bruno Tavares Carreiro, que as transcreveu na íntegra.

Um segundo conjunto é constituído pelas cartas que D. Maria José dirigiu a Teófilo, num total de 24 cartas e 1 bilhete postal. À excepção das que têm a data de 25 de Abril de 1870 e 26 de Junho do mesmo ano, que pertencem ao Senhor Bruno Tavares Carreiro, todas as outras são propriedade da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada. As que constituem esta colecção foram transcritas pela Dr^a. Olga Maria Marques Garcia, recém-licenciada em História, pela Universidade dos Açores, e apenas elas aparecem acompanhadas da cota que as referencia no catálogo do respectivo arquivo. Aos dois colaboradores que, de forma exímia e dedicada, procederam a esta ingrata tarefa de transcrição manifestamos o nosso apreço e reconhecimento, que também estendemos à preciosa cooperação do Dr. Artur Madeira, na informatização final do texto, e à Dr^a. Dora Pessoa da Silva, pelo apoio ao seu processamento.

Dado o carácter intimista destas cartas, escritas sem a preocupação de corresponderem às exigências que as de outros destinatários impunham e, muito naturalmente, sem a suspeita de que um dia pudessem vir a ser

publicadas, pensámos que as não deveríamos tornar públicas com as desatenções que os seus autores nelas manifestaram. Também por se tratar de documentos, mais de interesse biográfico do que doutrinário, optámos por actualizar a ortografia e a pontuação, deixando sem alteração o estilo e os modismos do seus autores.

Ao terminar a apresentação desta correspondência, desejo ainda manifestar o meu reconhecimento ao Prof. Doutor Gustavo de Fraga, pelo seu prestimoso conselho e colaboração, e ao Director da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Dr. Valter Rebelo, e ao Dr. Francisco Silveira, pelas facilidades concedidas e pelo apoio prestado à transcrição e publicação das cartas pertencentes à Biblioteca. Finalmente, e de modo muito especial, uma palavra sincera de agradecimento e apreço ao Dr. José Estrela Rêgo, Presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada, pela confiança que em mim depositou para organizar e apresentar este trabalho e pela decisão que tomou de tornar pública mais uma parcela do espólio de Teófilo Braga. Com a iniciativa foi dado um passo na divulgação e estudo de uma personalidade eminente, que logrou projectar os Açores no campo universal da cultura.

Ponta Delgada, 23 de Abril de 1996

José Luís Brandão da Luz
Universidade dos Açores

CARTAS DE TEÓFILO BRAGA